

Título A iminência do perigo se alia à música no trabalho do baiano Antonio Társis
Data 06 de setembro de 2025
Evento 36ª Bienal de São Paulo

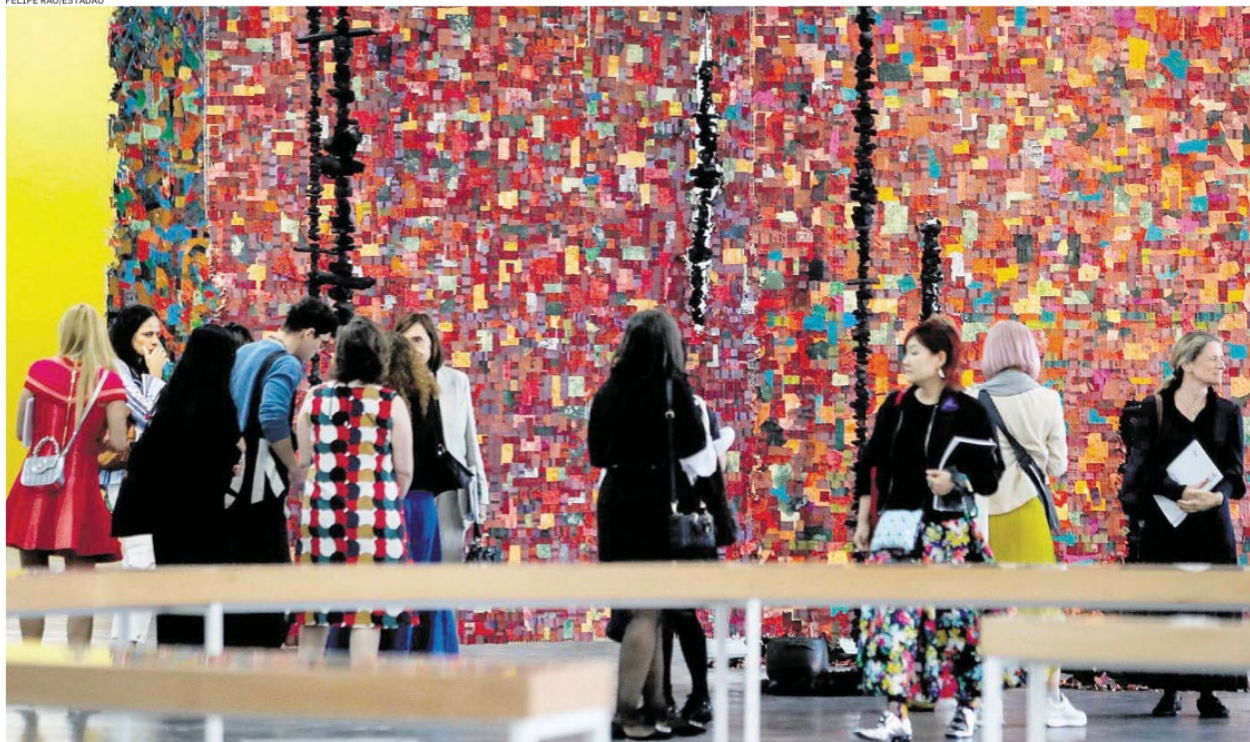
Publicação O Estado de S. Paulo
Autor Amanda Queirós
Artista Antonio Társis

E4

ESPECIAL

SÁBADO, 6 DE SETEMBRO DE 2025
O ESTADO DE S. PAULO

FELIPE RAU/ESTADÃO



A iminência do perigo se alia à música no trabalho do baiano Antonio Társis

— Nascido na favela Arraial do Retiro, em Salvador, e radicado em Londres, ele interpreta a violência urbana munido de caixas de fósforo, samba e inventividade

AMANDA QUEIRÓS
ESPECIAL PARA O ESTADÃO

Em 2016, o artista baiano Antonio Társis esteve na capital paulista para participar da 5.ª edição do Prêmio EDP nas Artes, no Instituto Tomie Ohtake, do qual saiu vencedor. Então prometeu das artes visuais do País, ele vivia ali sua primeira viagem para fora de Salvador e também seu primeiro contato com a Bienal de São Paulo, a segunda mais longe da mundo.

Quase dez anos depois, é a vez de o artista fazer, enfim,

sua estreia neste cobiçado espaço. A exposição coroa uma trajetória em franca ascensão. Em 2025, suas criações foram apresentadas em coletivas em Portugal, na Inglaterra e na França. No ano passado, além de figurar no 38.º Panorama da Arte Brasileira, ele recebeu ainda mostras individuais nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Utilizando materiais como pólvora, carvão e caixas de fósforo, Társis cria obras que podem – literalmente – pegar fogo a qualquer momento. Parece adequado quando alguns dos principais temas a cruzarem sua poética são justamen-

“Pensei muito sobre o desenvolvimento tecnológico e como ele acontece a partir da lógica da exclusão do outro. O tambor vem de um lugar de pulsão de humanidade. Existe um senso de comunidade que surge dele”

Antonio Társis
Artista plástico

te a violência urbana, a degradação social e a transformação provocada pela passagem do tempo. “Essa iminência do perigo é também a iminência da existência”, justifica o artista.

ESTUDO. Nascido em 1995, Társis cresceu na favela do Arraial do Retiro, em Salvador, sem a presença do pai. Apesar de ter estudado somente até o 5.º ano do ensino fundamental, manteve-se um leitor contumaz, prática fundamental para sua formação em artes visuais. Aos 14 anos, após perder a mãe, vítima de um câncer de mama, começou a experimen-

tar processos artísticos a partir da reunião e colagem de objetos que ele encontrava caminhando pela rua.

Nesse contexto, as caixas de fósforo, com seus diferentes tons de roxo de acordo com o tempo de exposição ao sol, se tornaram uma matéria-prima recheada de significados que se valem da fragilidade dos objetos para questionar sua transitoriedade e seus percursos de circulação.

O convite para expor na 36.ª Bienal lhe deu a chance de iniciar uma nova série, na qual incorpora experimentos com sons. *Catástrofe/Orquestra* ☺

Título A iminência do perigo se alia à música no trabalho do baiano Antonio Társis
Data 06 de setembro de 2025
Evento 36ª Bienal de São Paulo

Publicação O Estado de S. Paulo
Autor Amanda Queirós
Artista Antonio Társis

SÁBADO, 6 DE SETEMBRO DE 2025
O ESTADO DE S. PAULO

ESPECIAL

15



O artista baiano Antonio Társis criou a instalação 'Catástrofe/Orquestra'

foi inspirada pela melancolia presente no cânone do sambista baiano Batatinha (1924-1997) e das músicas cantadas pela cabo-verdiana Cesária Évora, influência em sua formação artística. "Os dois criaram uma sinfonia quase invisível das violências que os atravessaram e que seguem atravessando gerações. Falar sobre humanidade é falar sobre essas violências", afirma.

INVENÇÕES. Para montar a sua instalação na Bienal de São Paulo, ele desenvolveu um maquinário com um pendente feito de carvão, material com o qual o artista passou a trabalhar baseado em uma pesquisa sobre o ciclo do ouro no Brasil e a Revolução Industrial.

A traquitana contém uma corda que estica e distende em um tempo programado, alternando movimentos de elevação do material com sua soltura. Quando isso acontece, o carvão cai, batendo na superfície de um tambor de forma ritmada, evocando, dessa forma, um processo ritualístico. "Pensei muito sobre o desen-

volvimento tecnológico e como ele acontece sempre a partir da lógica da exclusão do outro, sempre muito higienizada. Acredito que o tambor vem muito de um lugar de pulso de humanidade. Existe um senso de comunidade que surge dele", comenta Társis.

A instalação do artista é ainda cercada por painéis construídos com caixas de fósforo – objeto com o qual Batatinha ritmava seus sambas e que se tornou marca da experiência estética de Társis. Para tanto, foram necessários 25 pessoas e cinco meses de trabalho em Salvador para que fosse possível separar o material e fazer as colagens necessárias.

Este foi o maior período que Társis permaneceu em sua cidade natal desde que se mudou para Londres, oito anos atrás. E o tempo na capital baiana foi uma oportunidade de ele se reconectar com o lugar onde nasceu e com as pessoas que lá estão, como seus irmãos. "Estou muito feliz de colaborar para esse alfabeto que os curadores estão construindo", diz. ●

Não perca

Cinco destaques entre os convidados brasileiros

Produção brasileira presente na Bienal vai desde nomes históricos, como Heitor dos Prazeres e Maria Auxiliadora, até representantes da nova geração, que mostram atenção especial com origens indígenas.



1. Gê Viana

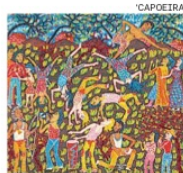
Artista visual de Santa Luzia, no Maranhão, Gê Viana é a primeira mulher maranhense a expor na Bienal de São Paulo. Seu trabalho articula suas origens indígenas, o corpo e as noções de espaço doméstico e urbano com a memória individual e coletiva a partir de colagens digitais e manuais, pinturas e técnicas como lambe-lambe. Em 2020, Gê venceu o Prêmio Pipa, um dos mais importantes da arte brasileira, e já integrou a Bienal das Amazônias (Belém, 2023), o 38.º Panorama da Arte Brasileira (Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2024), a mostra Histórias Brasileiras, do Masp (2022), e a Borås Art Biennial, na Suécia. (2024). Tem obras expostas na Pinacoteca do Estado de São Paulo e no Museu de Arte Moderna do Rio.



2. Heitor dos Prazeres

Nascido no Rio de Janeiro em 1898, foi um pouco de tudo: sambista nato, compositor, cantor, marceneiro, sapateiro, alfaiate e, claro, artista plástico. Começou a pintar por conta própria, retratando a vivência na periferia do carioca, das rodas de

samba às mesas de bar e outras festividades diárias. Seu destaque na Bienal é simbólico: o artista esteve presente na primeira edição do evento, em 1951, com a obra *Moenda*. Na segunda edição, o pintor ganhou uma sala especial. Desde então, se consolidou como um dos nomes mais importantes da arte brasileira, com obras em acervos de museus brasileiros, como o Masp e o Museu Afro Brasil, e do exterior, como o Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York.



3. Maria Auxiliadora

Outro nome histórico da 36.ª Bienal, a mineira de Campo Belo só recebeu o reconhecimento devido por grande parte da comunidade artística brasileira depois de sua morte. Em 2018, foi tema de uma grande exposição no Masp e atualmente suas obras estão expostas no museu paulistano, no Museum of Fine Arts, em Boston (EUA), e no Musée d'Art Naïf et des Arts Senguliers, em Laval (França). Pintora autodidata, ela ganhou notoriedade ao representar o cotidiano e as tradições populares. Frequentou um grupo liderado pelo poeta Solano Trindade em Embu das Artes, quando desenvolveu técnicas próprias em que registrava muito da cultura negra e de ritos de religiões de matriz africana, como a capoeira, por exemplo. Maria morreu aos 39 anos, vítima de um câncer.

'SEM TÍTULO' FOTO: THIAGO BARROS



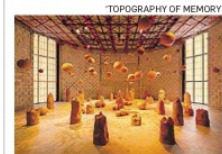
4. Maxwell Alexandre

Em quase uma década desde que se formou em de-

sign pela PUC-Rio, Maxwell Alexandre rapidamente se tornou um dos grandes destaques das artes plásticas no Brasil: venceu o Prêmio Pipa em 2021, integrou a seleção de Artistas do Ano do banco alemão Deutsche Bank em 2020, e, três anos depois, foi eleito Homem do Ano na Cultura pela revista GQ Brasil.

Suas obras estão em museus do Rio, da França, dos Estados Unidos, da Espanha e dos Emirados Árabes. Nascido na favela da Rocinha, aposta em técnicas que vão além da pintura tradicional, algo que se evidencia no uso do papel pardo – o objetivo é dialogar com a noção de "pardo" no Brasil e as vivências da comunidade negra, da violência ao orgulho.

Ele apresenta na 36.ª Bienal a instalação *Galeria 2* (2025), da série *Cubo Branco*. A obra apresenta uma moldura dourada vazia sobre um papel pardo. O objeto está colocado dentro de um cubo branco climatizado, espaço tradicionalmente reservado a obras históricas.



5. Sallisa Rosa

O trabalho de Sallisa Rosa é guiado pela relação do homem com a terra. Natural de Goiânia e descendente de indígenas, ela trabalha com fotografia, vídeo, performance e instalação, com suas obras físicas derivando principalmente do barro, com o objetivo de estabelecer essa conexão entre os seres humanos e o solo. Outro nome em ascensão e uma das principais expoentes da arte indígena, Sallisa atualmente participa do ciclo 2023-2025 da residência artística na Rijksakademie, em Amsterdã. Suas obras estiveram em exposições na China, Estados Unidos e Suíça, além do eixo São Paulo-Rio, incluindo o acervo do Masp. ● JULIA QUEIROZ